

Leslie Allen, Lamentações, Sessão 12, Lamentações 5: 1-7

© 2024 Leslie Allen e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Leslie Allen em seu ensinamento sobre o livro de Lamentações. Esta é a sessão 12, Lamentações 5:1-7.

Chegamos agora ao capítulo 5 de Lamentações e estudaremos apenas os primeiros sete versículos. Se eu esquecer de dizer isso no final, posso dizer agora que da próxima vez veremos o capítulo 5, versículos 8 a 16? O Capítulo 5 é o que esperávamos e, em termos de luto, chegamos a um ponto de inflexão.

Lembre-se do ponto de viragem que mencionei. A dor é sentida tão forte como sempre, mas um futuro mais positivo pode ser visualizado e, portanto, há uma decisão na direção da mudança e como essa decisão é expressa aqui é no fato de que há uma volta para Deus em oração e, é claro, isso é algo que foi incentivado pelo mentor, a necessidade de orar e então Sião exortando Sião como um modelo para a congregação orar e então o mentor como um modelo masculino voltando-se para a oração ele mesmo e registrando essas orações em o início e o final do capítulo 3, e assim estaríamos avançando nessa direção. Precisamos orar e aqui estamos.

Lembre-se, ó Senhor, do que nos aconteceu. Aqui estamos no ponto da oração e, portanto, há obviamente um sentimento de que vale a pena tentar orar e podemos chegar ao ponto de levantar a cabeça acima desta situação humana, por mais esmagadora que seja, e realmente nos voltarmos para Deus para pedir-lhe que faça algo. sobre isso. Não temos acróstico agora.

Não passamos mais pelo alfabeto hebraico, e tudo o que fazemos, temos uma espécie de eco do acróstico, pois há 22 versos e, portanto, 22 versos compõem este poema final e apenas um eco da forma acróstica. mas nenhum acróstico real, e não há nenhuma razão crítica para a forma pela qual deveríamos ter abandonado o acróstico neste ponto. Cabe num lamento de oração. O Salmo 25 é um lamento de oração nos Salmos, que é um acróstico, e portanto não há razão desse ponto de vista em termos de gênero e tipo de literatura que encontramos aqui para não haver um acróstico.

Talvez seja apenas uma indicação de mudança, fazer algo diferente como um sinal de que estamos começando de novo, e assim como há apenas um eco do acróstico agora e nenhum acróstico real, então perdemos para o que normalmente acontece com o lamento fúnebre, esse medidor. Lembra do medidor? Três mais dois, o medidor manco. Três, e você espera três sílabas acentuadas na segunda metade do verso, mas não, três mais dois, e de certa forma sente essa decepção.

Ele expressa tristeza de uma maneira particular no som, mas agora é uma métrica de três mais três, que é uma métrica poética muito regular, mas na verdade não deixamos para trás o lamento fúnebre. Veremos que o lamento fúnebre aparece muito no capítulo cinco, e não deixamos a dor que está subjacente ao lamento fúnebre anterior, mas a mudança está no ar, e a nova métrica celebra essa mudança, pode-se dizer, mas, como digo, não é um encerramento no sentido psicológico. É um ponto de viragem, então ainda há muita dor expressa neste capítulo, mas a dor é trazida a Deus.

Portanto, o capítulo cinco oscila entre a dor e o sofrimento, a esperança e o sofrimento, e nessa esperança há uma disposição para orar por um futuro melhor do que o que a congregação tem experimentado até agora. Falamos anteriormente sobre os diferentes caminhos ou trajetórias que encontramos no livro de Lamentações, tristeza, culpa e ressentimento, e eles ainda estão todos presentes no capítulo cinco, mas agora estão combinados com um avanço onde este novo poema é preocupado. Divido o capítulo cinco em três partes e isso rege nossos três vídeos sucessivos aqui no final.

Um a sete e versos oito a dezesseis, e depois versos dezessete a vinte e dois e, neste caso, o poema é dividido aproximadamente em terços. Agora, por que eu deveria pensar nessas seções? Bem, eu olho para o versículo sete, nossos ancestrais pecaram, eles não existem mais, e nós carregamos suas iniquidades, e eu olho para o versículo dezesseis, a coroa caiu de nossa cabeça, ai de nós porque pecamos, e em ambos os casos, há menção ao pecado, há menção à culpa. A culpa aparece no verso sete e no verso dezesseis, e tomo isso como uma espécie de refrão que desempenha um papel importante na estrutura do poema, e por isso quero pensar em termos dos versos um a sete, oito a dezesseis, e então dezessete a vinte e dois.

Caracterizamos o capítulo cinco como um lamento de oração, e isso é verdade, mas é um lamento de oração estranho porque também incorpora outro gênero, nosso velho amigo, um lamento fúnebre. Na verdade, isso é bastante estranho porque um lamento fúnebre, por sua natureza, era originalmente secular. Eram apenas os humanos falando sobre as circunstâncias humanas que precisavam ser trabalhadas, mas permanecendo no nível humano e depois contra essa oração, pensamos na relação essencialmente espiritual com Deus, e assim contrastamos entre essas duas abordagens, esses dois gêneros que têm percorrer o livro até agora. Mas aqui eles aparecem juntos de uma forma que não surpreende, porque tanto o lamento fúnebre quanto o lamento de oração estão associados ao desastre e, portanto, têm o mesmo tema geral.

E então vimos logo no início do nosso curso que ambos estão associados a rituais de luto no Antigo Testamento. Você encontra rituais de luto, especialmente no lamento fúnebre, mas também nos Salmos encontra referências a rituais de luto de diferentes tipos. E então, também, é claro, em Lamentações 1:3, mesmo quando estávamos

lidando com lamentos fúnebres, encontrávamos entrando, entrando sorrateiramente, por assim dizer, uma interpretação teológica do desastre, e estamos nos aproximando, nós estamos chegando perto da prioridade no lamento de oração.

É claro que Lamentações 5 vai além disso. Lado a lado, temos oração e lamento fúnebre. A oração é essencialmente dirigida a Deus e tem referências de segunda pessoa a Deus.

Onde encontramos isso neste capítulo? Encontramos isso no versículo 1 e então teremos que esperar muito tempo. Encontramos isso novamente nos versículos 19 a 22. Então, na verdade, a única oração está em uma espécie de moldura, uma moldura, uma moldura para todo o capítulo.

1 no início, mais 19 a 22 indicados no final. Mas esses são realmente os únicos elementos de oração dirigidos a Deus. No meio, temos os versículos 2 a 18, e agora não há referências a Deus na segunda pessoa, apenas as primeiras no plural referindo-se à congregação.

E então aí estão eles. Há esse envolvimento, e a oração envolve um lamento fúnebre. E isso é algo que não ocorre nos lamentos dos salmos, que recebemos essa ênfase.

Agora, o que temos num lamento de oração é uma descrição de crise. E geralmente é uma pequena descrição da crise, relativamente falando, em comparação com o tamanho geral do lamento orante. Mas aqui há muito espaço para falar sobre esta situação humana.

Versículos 2 a 18, temos 17 versículos. A maior parte do capítulo 5 é composta por um lamento fúnebre. Mas claro, não é apenas um lamento fúnebre, é um lamento fúnebre falado a Deus, que se batiza, pode-se dizer, de forma crítica, porque o Deus a quem se dirige no início, no final, ainda está destinado a ser o ouvinte nos versículos 2 a 18, que são falados num contexto humano e lidos de uma forma bastante secular.

Mas aqui, o lamento fúnebre é trazido a Deus exclusivamente no capítulo 5. Então é isso que está acontecendo lá, e é bastante estranho. Na verdade, isso significa que o Capítulo 5 é a evidência de duas missões que são cumpridas pelo mentor. Temos dito isso o tempo todo, há uma ênfase na oração.

Você tem que orar sobre isso. Você deve orar sobre isso. Isto é abordado de vários ângulos, e todos os tipos de razões são dadas sobre por que as pessoas precisam orar.

Já vimos antes que Sião é um modelo. Sião ora, e a congregação eventualmente precisa fazer isso sozinha, e eles fazem aqui. E então, aqueles testemunhos de oração no início e no final do capítulo 3, havia aquele modelo masculino, o próprio mentor, que orava, e a implicação era, dica, dica, é isso que você precisa fazer também.

E assim, é muito necessário que o chamado à oração seja finalmente atendido. Mas também demos ênfase ao lamento fúnebre, e o mentor reconhece que psicologicamente eles têm que passar por esses processos grunge. E é muito longo e muito envolvente.

Mais tempo, talvez, do que o mentor pensava. Talvez o mentor tenha pensado em seu planejamento que, uma vez chegado ao final do terceiro poema, ele poderia avançar para o capítulo 5. Mas quando a liturgia começasse a acontecer, ah, não, ah, não. Ou quando talvez ele entrevistou pessoas, ah, não, elas precisavam de mais do que isso.

E assim foi necessário o capítulo 4, continuando ainda com aquele tipo de fala de lamento fúnebre. E então, foi muito necessário. E é preciso fazer as duas coisas no luto.

Como crentes em luto, nós também precisamos passar por esses processos de luto e, eventualmente, também precisamos nos aproximar de Deus e nos relacionar com Deus. Claro que nesta situação foi necessário porque havia o fator culpa e aquele relacionamento com Deus havia sido rompido. Então, eles tiveram que voltar.

Eles tinham que voltar para Deus e tinham que fazer essa parte da reconciliação. Mas a oração é sempre necessária, e a dor deve sempre acabar ficando do lado de Deus e relacionando-se com Deus mais uma vez. E então, é isso que está acontecendo lá.

O relacionamento com Deus estava fundamentalmente comprometido. Você precisa instigar essa renovação. Você precisa iniciar esta renovação desse relacionamento do seu lado, e a congregação tem que aceitar essa verdade.

E assim, temos no capítulo 5, esse híbrido notável em termos de gênero. Um lamento de oração que é estritamente apenas um lamento de oração no início e no fim, mas incorporado a ele, o lamento de oração abraça, por assim dizer, aquele luto e traz tudo como um pacote para Deus enrolado nele. Precisamos dizer algo sobre o cenário histórico.

Quando estávamos lendo os capítulos 1, 2 e 4, sabíamos onde estávamos. Estávamos de volta à situação de cerco e revivemos aquelas lembranças do que o povo havia passado. E muitas vezes o luto é uma questão de memória, de lembrar, de lembrar.

Na verdade, lembrar o passado é um caminho a seguir. É uma maneira de superar aquela dor terrível, aquela dor agonizante, como um só, ensaia isso de novo e de novo. Você dilui isso de certa forma e é capaz de absorver o que aconteceu e começar a superar isso.

Assim, o luto está essencialmente relacionado com acontecimentos passados. Os eventos estão no passado, mas permanecem vivos em nossas mentes. Eles são notícias de última hora há tanto tempo que ficamos obcecados em pensar neles. Um especialista em luto disse que é difícil para alguém que sofre perceber que os relógios de outras pessoas registram um horário diferente.

estamos muito atrás no passado, mas os relógios das outras pessoas avançam hora após hora, enquanto nós permanecemos os mesmos e o nosso relógio parou, por assim dizer. E aí está. E assim, para a congregação, o sofrimento continuou, mas eles estavam obcecados com o que havia acontecido no passado.

Mas houve uma mudança no capítulo três, e quando o mentor falou sobre o sofrimento, ele passou para o presente, para a situação do pós-guerra, para a ocupação inimiga. E vimos em dois lugares no capítulo três que isso vem à tona. E agora, novamente, este é o cenário histórico.

O cerco está no passado e, como se o povo dissesse, pensávamos que isso era suficientemente mau, mas o nosso sofrimento actual continua. Não estamos apenas nos lembrando do sofrimento passado. Estamos a sofrer novamente na nossa experiência física aqui no nosso país ocupado, numa experiência pós-guerra, e isso trouxe um sofrimento renovado.

Vimos isso no capítulo três, versículos 34 a 36 e 51, e foi abordado pelo mentor, mas agora entramos no cerne da questão no capítulo cinco, vivendo em um país ocupado. Judá era um campo de prisioneiros virtual, e o inimigo estava em toda parte e sob rígido controle. E assim, o texto passa do passado, do sofrimento passado, para o presente, para o sofrimento presente.

Foi um elogio ao mentor o fato de eles terem conseguido superar o sofrimento passado e não terem sido tão afetados por ele agora? Bem, não tenho tanta certeza porque quando você chega ao versículo 18, você olha para o passado novamente, e no versículo 18, qual é a maior preocupação que essas pessoas têm? O que mais os desanimou? Versículo 18, por causa do Monte Sião, que está desolado sobre ele. Então, eles estão pensando, eles estão naquela cidade, provavelmente no pátio em ruínas do antigo templo, mas eles estão lá, e olham ao redor, e pensam: Sião caiu. Sião caiu.

Como isso pode ser? E assim, eles estão pensando naquela situação, não apenas na sua situação atual de viver num país ocupado, mas no que a precedeu, a queda e

destruição de Jerusalém. Portanto, ainda desempenha um papel no pensamento da congregação e não estamos surpresos. De qualquer forma, havia mais a dizer, e foi a sua experiência objectiva presente que veio principalmente à tona, e não a sua experiência subjectiva de luto em termos de memória.

Precisamos pensar em oração. Oração, acho que já mencionei antes, oração é persuasão. Para ser eficaz, muito nos Salmos, é persuadir a Deus.

Para ser eficaz, a oração deve apresentar um argumento bom e razoável a Deus. Os lamentos de oração nos Salmos sempre são um bom argumento, e uma palavra-chave é uma pequena conjunção para, que fornece motivação. Responda nossas orações, salve-nos, porque, para, e você dá uma razão.

E assim, você constrói um argumento sólido diante de Deus sobre por que deveria responder por que Deus deveria responder a essa oração. O capítulo cinco é na verdade uma série de motivações para Deus ver, uma série de razões pelas quais eles precisam de sua ajuda. Somente com a ajuda de Deus eles poderiam ter um novo começo.

E eu penso, penso também nisso, o modelo de Alcoólicos Anônimos, aquele programa de doze passos, é uma maneira útil de nos trazer esse fato para nós, que voltar-se para Deus, esse poder superior é tão necessário para superar a miséria em nossa situação humana. Agora, no que diz respeito aos Alcoólicos Anônimos, há uma grande dependência de Deus ou do poder superior para obter ajuda. Mas o alcoolismo é a questão candente.

Essa é a crise. E é dada a garantia de que Deus está presente para ajudar o alcoólatra na recuperação. E isso é verdade aqui no capítulo cinco.

É verdade no pensamento do mentor que Deus está lá para ajudar. Isso é verdade. Mas há mais a ser dito sobre a situação em Lamentações, especialmente no capítulo cinco, mas já foi sugerido anteriormente, que a verdadeira questão candente é espiritual, é teológica, que o relacionamento com Deus, aquele relacionamento de aliança que marcou Israel de todas as outras nações, era realmente a questão candente.

E 586 significou a ruptura dessa relação de aliança. E assim, a petição culminante na oração ocorrerá no versículo 21. Restaura-nos para ti, ó Senhor.

Restaure-nos para si mesmo. E esse é um grande problema que precisa ser resolvido. E esta é, de facto, a essência da oração.

Mas, para persuadir Deus, eles apresentam-lhe o seu caso miserável e apresentam aos juízes uma defesa da sua própria situação, explicando por que precisavam de ser

ajudados e trazidos de volta, ao mesmo tempo, a esse relacionamento com Deus. Tudo bem, então temos aqui uma fusão do lamento fúnebre e da oração, e tudo isso desempenha esse papel unificador de apresentar o caso a Deus, persuadindo-o a intervir em seu nome. E agora chegamos aos detalhes individuais das partes individuais destes primeiros sete versículos.

Você tem no versículo um esta petição direta que dá o tom. Há um clima de oração o tempo todo, tudo é apresentado diante de Deus. E começa com, lembre-se, lembre-se.

E este é um apelo a Deus para estar atento. E realmente, está dizendo, não nos ignore, Deus. Mas há um apelo por uma memória ativa que dê prioridade a algo que precisa ser atendido.

E então, por favor, preste atenção nisso. É realmente paralelo a esse olhar e ver, que também temos neste primeiro verso. Lembre-se, ó Senhor, do que nos aconteceu, olhe e veja nossa desgraça.

Lembre-se, isso faz parte dos lamentos de oração, e participamos várias vezes. Um exemplo está no Salmo 25, e está no versículo sete, 25:7. Não me lembre dos pecados da minha juventude nem das minhas transgressões.

De acordo com o seu amor inabalável, lembre-se de mim pelo amor de sua bondade, ó Senhor. Isso parece muito com o capítulo três, não é? Amor constante e bondade. Mas lembre-se de mim, aí está, este apelo a Deus para prestar atenção.

E então você expõe todas as razões pelas quais ele colocou, deveria colocar, dar atenção a você. E é mencionado em termos muito gerais na primeira metade da linha o que nos aconteceu. Mas então, olhe e veja a nossa desgraça.

Olhe e veja, é claro, eles estariam ouvindo o mentor, e estariam ouvindo Sião, porque essa foi a forma de petição que eles trouxeram em suas orações. E então, olhe e veja, olhe e faça algo a respeito. E foi isso que eles oraram.

Mas é interessante que eles resumam o que está errado em termos de desgraça. Desgraça. E a desgraça não é sofrimento imediato e objetivo, sofrimento físico.

É um sofrimento subjetivo. É sofrimento psicológico. Lembre-se de que falamos anteriormente sobre o sofrimento secundário no luto, na humilhação e na perda de prestígio.

E isso pode ser tão difícil ou até pior que a situação objetiva. E assim, é uma questão de sentimentos, sentimentos psicológicos que são trazidos diante de Deus. Oh, nos sentimos tão miseráveis, Deus.

Nós nos sentimos tão inúteis. Olhe e veja nossa desgraça. E eles querem a reparação da psique humana.

Eles querem ser curados em suas mentes e corações mais uma vez. Essa é a principal razão por trás de todos os seus problemas físicos. Então, isso funciona como uma motivação.

Eles se apresentam diante de Deus como pessoas miseráveis e necessitadas, na esperança de que ele sinta genuinamente pena da congregação como vítimas que estão sofrendo emocional e externamente. E assim, este é um apoio persuasivo para os imperativos, esta palavra, desgraça. E então, aqui estamos.

Chegamos a esta primeira seção, versículos 1 a 7, e examinamos as trajetórias, os caminhos, a tristeza, a mágoa e a culpa. Bem, chegaremos à culpa no versículo 7, o clímax desta primeira seção. Nossos antepassados pecaram, eles não existem mais, e nós carregamos suas iniquidades.

E assim, há uma menção à culpa que teremos que examinar com mais detalhes. E depois haverá menção ao luto, exemplos da perda da vida normal, do tipo de vida que desfrutavam antes da invasão. Era uma coisa do passado.

O luto, lembramos, está essencialmente ligado a perdas, a coisas que foram perdidas, e toda uma série foi perdida. E há um catálogo dessas perdas nos versículos 2 a 6. A queixa, essas expressões de pesar e perdas, também funcionam como uma queixa. A reclamação tem a ver com a ocupação inimiga, porque é a ocupação inimiga que provoca essas perdas.

E isso parece muito grande. A tristeza e a queixa são companheiras, ou gêmeas, lado a lado, conforme examinamos esta primeira seção. Agora, chegamos às nossas razões e motivações diferentes, mesmo que não recebamos um por ou um porquê.

Chegamos ao versículo 2, e nossa herança foi entregue a estranhos, nossas casas a estranhos. Herança é um termo muito carregado e deveria ser. Está invertido para a terra, e você não pode estudar a teologia do Antigo Testamento sem examinar a teologia da terra.

Aqui é apresentada como uma forte tradição territorial, mas com base teológica. Humanamente falando, a terra deveria permanecer na família durante gerações, transmitida de pai para filho, para neto, e assim por diante. Mas todos sabiam que foi basicamente dado por Deus às tribos, que dividiram entre os clãs, que dividiram entre as famílias, e era isso que deveria ser.

Mas o que diz o versículo 2? Nossa herança foi entregue a estranhos, nossas casas a estrangeiros. Há uma passagem chave quando pensamos em herança e herança perdida, e penso em 1 Reis e no capítulo 21. É a história do encontro de Elias com o rei Acabe no Reino do Norte.

Ao lado do palácio, Acabe olhou pela janela e viu um lindo vinhedo ao lado, e ele cobiçou aquele vinhedo. Ele disse, oh, isso seria um belo jardim para mim. Eu gostaria de ter isso.

Eu gostaria de ter isso. Mas não, não me pertence. Eu não posso permitir isso.

E assim, lemos em 1 Reis 21, Nabote tinha uma vinha em Jezreel, ao lado do palácio do rei Acabe da Síria. Acabe disse a Nabote: Dá-me a tua vinha para que eu a tenha como horta, porque fica perto da minha casa. Por ela te darei uma vinha melhor ou, se te parecer bem, te darei o seu valor e o seu dinheiro.

Mas Nabote disse a Acabe: O Senhor não permita que eu te dê minha herança ancestral. Acabe voltou para casa ressentido e taciturno por causa do que Nabote, o jezreelita, lhe havia dito. Pois ele havia dito: não lhe darei minha herança ancestral.

Ele deitou-se na cama, virou o rosto e não comeu. E lá está ele, de mau humor. Está tudo bem.

A rainha veio vê-lo. O que há de errado, minha querida? O que está errado? E ele diz a ela o que há de errado. Ah, não se preocupe, minha querida.

Vou providenciar para você conseguir. E era claro. A resposta foi clara para Jezabel.

Ela era filha do rei de Tiro. E o rei de Tiro era um autocrata. Qualquer coisa que o rei quisesse, ele poderia ter.

E foi tal pai, tal filha. E então eu vou providenciar isso. E assim ela organizou falsas acusações de amaldiçoar a Deus e ao rei, Nabote foi apedrejado até a morte.

Aí está. E então, você pode tê-lo agora. Está à sua disposição, minha querida.

Então esse é o fim do problema. Ah, não, não é. Aí vem Elias, falando em nome de Deus.

E ele profere um terrível oráculo de julgamento de Deus contra ele. Ele diz que você perderá sua própria terra. Não, estou pulando para outro texto aqui.

Porque em Miquéias, capítulo dois, temos uma situação semelhante de perda de terras. E havia essas pessoas ricas que cobiçavam campos e os tomavam e oprimiam

os chefes de família, as casas e as pessoas que herdavam. Deus diz através do profeta Miquéias, você vai perder isso em sua própria terra porque ousou tirar a terra de outras pessoas.

E então, esta é obviamente uma queixa muito profunda. E é uma queixa humana, mas tem conotações teológicas. Nossa herança foi entregue.

Casas e terrenos foram requisitados para serem utilizados por tropas estrangeiras. Então, no versículo três, ficamos órfãos e órfãos de pai. Nossas mães são como viúvas.

E temos uma comparação, e temos uma metáfora, e temos uma comparação. É mais ou menos como o uso da palavra viúva que temos no capítulo um. É sociológico.

Pensa-se no baixo estatuto social das pessoas que são viúvas e órfãs. E então, somos assim. Perdemos nossa posição.

Não somos mais cidadãos independentes. Estamos muito sujeitos a essas pessoas que estão ocupando a terra. Somos socialmente vulneráveis.

Perdemos a nossa posição social porque estamos sob ocupação inimiga. E então, no versículo quatro, devemos pagar pela água que bebemos, e a madeira que obtemos deve ser comprada. Esta era uma situação nova, obviamente, porque havia um pesado imposto cobrado pelos ocupantes sobre a água e a lenha necessárias para fazer fogo para cozinhar.

E não havia acesso gratuito como costumava acontecer. Os bens da terra não estavam mais disponíveis gratuitamente ao povo. Então, esta é uma reclamação ligada à terra mais uma vez.

E porque está ligado à terra, existe aquele pressuposto teológico de que o próprio Deus deve ser afetado pela situação. E penso em um versículo como este, penso nos versículos de Deuteronômio, capítulo oito, e nos versículos sete a dez, no capítulo oito de Deuteronômio. O Senhor, teu Deus, está conduzindo vocês a uma terra boa, uma terra com riachos, com nascentes e águas subterrâneas, brotando em vales e colinas, uma terra de trigo e cevada, de videiras e figueiras e romãs, uma terra de oliveiras e mel, terra onde comerás pão sem escassez, onde nada te faltará, terra cujas pedras são ferro e de cujos montes extrairás cobre.

E continua falando da boa terra que Deus lhe deu. Mas agora não era a terra deles para lidar como sempre fizeram até agora. Agora, cabia aos ocupantes ditar as condições em que poderiam usufruir dos bens desta terra e aqui, da água e da madeira.

Portanto, há ramificações teológicas tanto no versículo dois quanto no versículo quatro e boas razões pelas quais Deus deveria levar a sério o que aconteceu com eles, porque, de certa forma, aconteceu com ele também, e Deus é afetado por essa mudança na situação e então essas são maneiras de persuadir Deus a ficar do lado deles. Versículo cinco, com um jugo sobre nossos pescoços somos pressionados, estamos cansados, não temos descanso. Na Nova RSV há um acréscimo de uma palavra em hebraico que é traduzida com um jugo, com um jugo em nossos pescoços e que se reflete em uma versão antiga e a vantagem é que faz sentido em nossos pescoços, com um jugo em nossos pescoços.

A NVI não acrescenta essa palavra e, em vez disso, tem uma espécie de paráfrase: aqueles que nos perseguem estão em nossos calcanhares. Eles estão perto de nós. Eles estão perseguindo. Eles estão tão perto de nós que estão em nossos calcanhares. E assim, *at our necks* é meio que parafraseado como *at our heels*, e isso faz algum sentido. Realmente, penso que isto se refere ao trabalho forçado, quer você olhe para a NVI ou para a NRSV. Essa conversa de ser perseguido, acho que o Novo RSV está certo em pensar em um significado ampliado, somos duramente impulsionados, somos duramente impulsionados pelos nossos capatazes que nos trabalham duro. Eles estão respirando em nossos pescoços, estão tão perto de nós, estão respirando em nossos pescoços. Essencialmente, trata-se de lidar com o trabalho forçado a que as pessoas ocupadas são submetidas.

Em linha com isso, estamos cansados, não temos descanso. Tradicionalmente, os israelitas da Judéia trabalhavam seis dias por semana, mas agora evidentemente sete dias, vamos lá, de volta ao trabalho. Há trabalho a ser feito e eles não tiveram permissão para descansar. E assim, sete dias eles estavam trabalhando, trabalhando, trabalhando, estamos cansados. Não temos descanso e lá estamos.

Isso é uma pequena sugestão de uma questão teológica: um trabalho normal de seis dias no sétimo dia, que geralmente é o descanso no sábado. E então, isso é uma afronta a Deus, pode-se dizer, mais uma vez, uma questão persuasiva mesmo no que diz respeito a Deus. Mas então também chegamos a estes versículos finais, que penso que estão intimamente relacionados: fizemos um pacto com o Egito e a Assíria para obter pão suficiente, os nossos antepassados pecaram, eles já não existem, e nós carregamos as suas iniquidades.

Acho que aqui novamente temos uma questão de tempos verbais, tempos verbais do inglês, e aqui no versículo 6, fizemos um pacto de uma situação perfeita, acho que realmente é olhar para o passado, uma situação passada. A NVI traz isso à tona: submetemos-nos ao Egito e à Assíria para conseguir pão suficiente. Nossos ancestrais pecaram e não existem mais, e nós sofremos seu castigo. O que está a dizer é que a raiz está estabelecida numa geração anterior, e quando se fala de antepassados, não está a falar de muitos, muitos séculos atrás ou mesmo necessariamente de muitas, muitas décadas atrás. É um passado bastante recente, o hebraico usa apenas a

palavra pais que tem uma gama de significados de acordo com o contexto, antepassados.

Estou pensando nos tempos anteriores das experiências políticas de Judá, quando havia fome, em Israel e em Judá. Eles estavam sempre passando fome, simplesmente acontecia e era preciso importar alimentos do exterior.

E então, certo, tratados econômicos com potências estrangeiras, e isso resolverá a situação. Você deve se lembrar no livro de Gênesis que Gênesis capítulo 12, Abraão passou fome enquanto estava na terra prometida e migrou para o Egito por um tempo até que a estação terminasse e até que chegasse a estação das chuvas novamente.

Então você se lembra em Gênesis 42 que a família de Jacó visitou o Egito para trazer comida, e então havia essa dependência às vezes, mas se tornou bastante sinistra porque era uma oportunidade para, no caso de Judá, na história recente, camelos estrangeiros para colocar a cabeça na tenda de Judá. E assim, há um sentimento de que as gerações anteriores fizeram algo errado e que a podridão se instalou naquela experiência anterior.

E assim, gradualmente, as potências estrangeiras ganharam cada vez mais controle sobre Judá. Primeiro, foi Judá e a Assíria, e então a Assíria foi substituída pela Babilônia, e agora eles estavam sofrendo, parte do império se rebelando contra a Babilônia, e agora Jerusalém está destruída, e tudo chegou ao fim, mas aquele ponto de partida, aquele começo sinistro ponto, foram essas alianças econômicas. Muitas vezes no Antigo Testamento encontramos referência a estes mesmos períodos de alianças políticas. Mas é muito possível que também tivessem existido alianças e tratados econômicos.

E assim, está resumido no versículo 7, nossos antepassados pecaram, eles não existem mais, eles morreram, aquelas gerações anteriores que fizeram esses pactos, pactos econômicos, com potências estrangeiras, e nós carregamos suas iniquidades, veja o que é cresceu, toda esta situação se desenvolveu desta forma terrível. Veja onde isso nos levou agora. Eventualmente, levou à sujeição a uma potência estrangeira, o sucessor da Assíria na Babilônia, de modo que os pecados passados da nação alcançaram a geração atual. No versículo 6, diz que fizemos um pacto na forma de nossos antepassados, e há menção à solidariedade geracional; nós, como nação, estivemos envolvidos nessa situação, embora mais estritamente geracionalmente, foram nossos ancestrais, nossos antepassados, que estiveram envolvidos, e eles disseram que não existem mais e que carregamos suas iniquidades.

Agora, quando você lê comentários sobre Lamentações, um grande número de comentaristas fazem bastante comentários sobre o versículo 7. O que eles querem

fazer é contrastá-lo com o versículo 16, pecamos no versículo 16, mas nossos antepassados pecaram no versículo 7 e eles querem ver confusão aqui, querem ver dois pontos de vista bastante diferentes que não concordam entre si.

Há um texto que parece concordar com eles, e os comentaristas que seguem essa linha apelam para Ezequiel 18 e versículo 2. Ali, Ezequiel está envolvido com os exilados da Judéia na Babilônia, que estavam muito ressentidos com seu exílio e dizendo que não é nossa culpa. , são as gerações anteriores. A culpa é deles, não é culpa nossa. O que eles disseram, eles tinham um provérbio, uma forma de resumir: “os pais comeram uvas verdes e os dentes dos filhos estão embotados”. Não é justo, esse é o ponto de vista.

E então, eles estão dizendo que não somos nós, são as gerações anteriores, os pais comeram uvas verdes e os dentes dos filhos estão embotados. Poderíamos mudar a metáfora e dizer que os pais ficaram bêbados e nós, os filhos, estamos sofrendo de ressaca. Isso simplesmente não é justo e para que este provérbio muito pitoresco possa estar subjacente, está subjacente ao versículo 7, nós carregamos suas iniquidades, eles morreram, eles saíram ilesos e nós carregamos suas iniquidades e isso não é justo. Não

fomos nós que estávamos pecando. Ah, mas 16 diz, mas pecamos, bem, isso é diferente, isso é diferente, e há confusão aqui. Existem dois pontos de vista diferentes, dois pontos de vista teológicos diferentes aqui neste ponto. Bem , não, na verdade não, porque há uma série de passagens no Antigo Testamento que queremos unir como dois elos de uma corrente, ambos conjuntos de circunstâncias e vou encaminhá-lo para uma dessas passagens.

Salmo 79 e versículos 8 e 9, não se lembre contra nós das iniquidades de nossos ancestrais, deixe sua compaixão vir rapidamente ao nosso encontro, pois estamos muito abatidos, parece que o versículo 7 de Lamentações está bom.

Mas como isso acontece? Ajuda-nos, ó Deus, da nossa salvação para a glória do teu nome, livra-nos e perdoa os nossos pecados por amor do teu nome.

Então, não estou dizendo que foram apenas os antepassados, foram apenas os antepassados que foram pecadores. Está entre colchetes, essas duas coisas estão entre colchetes e ambas representam uma terrível confissão de culpa passada e presente.

Há um fato interessante no versículo 6: estávamos envolvidos na solidariedade geracional, fizemos um pacto com o Egito e a Assíria, nos submetemos ao Egito e à Assíria para obter pão suficiente, e historicamente foi isso que nossos antepassados fizeram.

Mas fomos nós. Estávamos envolvidos naquela solidariedade geracional que chegou até nós, e aí está. Não acho que devamos diferenciar de forma confusa entre os versículos 7 e 16. Mas chegamos ao final da primeira seção do capítulo 5, e ela tem lidado com a tristeza, tem lidado com a mágoa, e nisso O último versículo, na verdade os dois últimos versículos 6 e 7, trata da culpa.

Da próxima vez, deveríamos passar para os versículos 8 a 16.

Este é o Dr. Leslie Allen em seu ensinamento sobre o livro de Lamentações. Esta é a sessão 12, Lamentações 5:1-7.